



As Ruínas Circulares






Ficha Técnica

Título: As Ruínas Circulares
Autor: João Pedro da Costa
Grafismo e paginação: João Pedro da Costa
Capa: Rebeca Pereira

© João Pedro da Costa e pauloquerido.com, Unipessoal, Lda

Edição: pauloquerido.com Unipessoal Lda
Rua Ramiro Ferrão n.º 7 6.º esq
2805-356 Almada Portugal
Email: editor@pauloquerido.com
Website: <http://pauloquerido.com>

Impressão: Publidisa, Espanha
1.ª edição: Maio de 2005
ISBN: 972-99434-3-5
Número de Depósito Legal:



João Pedro da Costa

As Ruínas Circulares



<http://asruinascirculares.weblog.com.pt>

LEITURASCOM.NET





À Manela e à Dona Adozinda,
naturalmente.







Prefácio

Estávamos a 25 de Agosto de 2004 quando recebi um e-mail para criar o blogue *As Ruínas Circulares*. O autor era, como tantos, um absoluto desconhecido para mim. Dei uma pequena ajuda no *design* do blogue, rectificando tecnicamente a imagem do logotipo. Pensei com os meus botões que tinha mais um blogue de autor, umbiguista como tantos. Estava longe de imaginar que o João Pedro da Costa se viria a revelar um dos mais talentosos bloggers que já conheci, e estou a falar de toda a blogosfera, que não apenas da escrita em Português.

Porém, não foi preciso esperar muito tempo para tropeçar, boquiaberto, no seu talento único. No que reparei primeiro foi, obviamente, na série dos coelhos suicidas. Inspirado na obra de Andy Riley, o João Pedro levou muito longe a saga do coelho obcecado pelo suicídio, que inventa as situações mais incríveis para se imolar. Graças a essa sua homenagem, pude conhecer Riley e comprei o seu livro na primeira oportunidade.

Mas *As Ruínas*, que pelo Outono do ano passado se estavam a transformar num blogue de culto, iam muito além da colagem gráfica aos coelhos suicidas. O seu autor possui dotes de cronista que expressa abundantemente por dois discursos: o texto e a imagem. As palavras, ele reserva-as sobretudo para os posts intimistas e para a sua relação com a música (dezenas de belíssimas apreciações a álbuns) e com o cinema. Cativou legiões de leitores por aí. Porém, não foi pela palavra que me tornei cliente regular d' *As Ruínas Circulares*. Foi pelas espantosas construções gráficas com que o autor ilustra o dia-a-dia de um utilizador médio de computadores, primeiro, e da Internet e dos blogues em segundo lugar.

João Pedro da Costa é, na minha humilde opinião, o mais transcendente cronista do quotidiano do homem moderno, que vive entre o teclado e o monitor. Cronista bem disposto, com um humor hilariante e genial. Tem uma visão desconcertante sobre os mais ínfimos detalhes da nossa relação com o *desktop* do computador, com o sistema editorial dos blogues, com o programa de e-mails, etc. E partilha-a connosco através de imagens concebidas sem recursos (ele não usa programas gráficos! Não dá para acreditar!), originais e desconcertantes. Numa palavra: geniais.

Mesmo depois de descobrir o talento de João Pedro da Costa, estava longe de imaginar que viria a editá-lo em livro. Mas em Janeiro deste ano, quando me aventurei na publicação em papel, pensei imediatamente me desafiar o autor para imortalizar *As Ruínas Circulares* no suporte papel. Felizmente para mim e para si, caríssimo leitor, o João Pedro aceitou. Passámos a partilhar o entusiasmo de fabricar um livro desde a raiz até ao produto final. Partilharemos também, estou certo, o sucesso desta obra.

Paulo Querido
Almada, 2 de Maio de 2005



Nota Introdutória

O presente livro reúne uma selecção de textos e imagens publicados entre Setembro de 2004 e Abril de 2005, no blog (irei optar por esta grafia) *As Ruínas Circulares* (<http://asruinascirculares.weblog.com.pt>).

Embora a escolha do título apenas tivesse sido inicialmente motivada por razões inerentes ao facto de eu ser um leitor compulsivo da obra de Jorge Luís Borges, comecei a perceber, ao fim de algumas semanas, que o mesmo constituía um factor operante numa parte significativa dos posts que ia publicando. Isso é particularmente visível, por um lado, na circularidade dos posts que elegem a blogosfera como elemento temático e estruturante e, por outro, no facto de, devido à iminente interactividade da plataforma de publicação, ter eleito o blog como local privilegiado para exercícios de rescrita de textos já existentes ou mesmo publicados (casos de «peixinhos vermelhos» e de «Leite chocolateado e bolachas de aveia» publicados em 2000 pela Granito Editores e Livreiros sob o título *das solidões, a alma* e de «um martini e o mar», publicado sob título homónimo pela Campo das Letras em 2002).

Relativamente à estrutura do livro, acabei por optar por uma organização cronológica das entradas, não somente por ser esta a que foi exclusivamente utilizada num blog que sempre recusou as categorias como forma de ordenação dos posts, mas também por considerar esta disposição a que tornaria mais visível, no livro, uma das principais características borgesianas d'*As Ruínas Circulares*: a heterogeneidade. Optei igualmente por sublinhar as palavras que continham *hyperlinks* (remetendo a descrição dos mesmos para um quadro de referências que poderá ser encontrado no final do livro) e por reprimir qualquer ensejo em reproduzir no papel as animações criadas para o blog (o «Post circular» é aqui a excepção que confirma a regra).

Contrariamente à escrita de um livro, a criação de um blog não é um acto solitário. Para além dos eventuais comentários e e-mails dos leitores, um blog existe sempre inserido numa comunidade, e dela se alimenta incessantemente. O meu sincero obrigado a todos aqueles que, de alguma forma, participaram nesta pequena aventura. Nada disto seria possível sem vocês.

João Pedro da Costa
Canidelo, Abril de 2005



Da origem dos blogues e de outros estados de melancolia

Começo hoje este blog como terapia para o meu recém-adquirido estado de desempregado (há cerca de três horas). São dias sempre árduos, esses em que nos despedimos de alguém. Daí que, para mim, um blog será sempre um reflexo de um estado de melancolia que é, como toda gente sabe e vem nos livros, de todos os estados de alma, o mais produtivo. Há um conto de que gosto muito do Nuno Bragança em que uma personagem feminina diz que (e cito de cor) «é triste partirmos sem termos ninguém a quem dizer adeus». Fica desta forma provada que as mulheres nem sempre sabem o que dizem.

|Publicado em 7 de Setembro de 2004|

A casa de banho dos outros

Eu tinha doze anos e o Filipe era o meu melhor amigo. Eu era muito popular no liceu, não por razões intrínsecas à minha personalidade (juro), mas pelo facto de ter nascido em França e de viver há apenas dois anos em Portugal, o que, como é óbvio, fazia de mim uma espécie de extraterrestre. Lembro-me de perguntas do género: «Vocês, em França, também bebem água?» (o que me dava sempre vontade de responder com algo do tipo: «Não, só bebemos mijo»). Também era, na altura, um dos melhores alunos da turma, o que, conjugado com a minha proveniência alienígena, sempre provocou nos pais dos meus colegas um sentimento misto de admiração e de curiosidade. Alguns deles acreditavam que se os seus filhos convivessem comigo, eles adquiririam (por mimese?) a minha apetência pelo estudo e as consequentes boas notas nos *testes de avaliação somativa*, exercício que jamais se revelou exequível (olho hoje para todos os amigos que tive no liceu com uma certa culpa, pois todos eles, sem excepção, chumbaram sempre no ano em que os conheci).

Os pais do Filipe pertenciam à classe média-alta: o pai era neuro-cirurgião e a mãe (lindíssima) professora de Filosofia no ensino secundário e um dia fui surpreendido por um amável convite deles para ir lanchar lá à casa. Acedi (eu gostava muito do Filipe) e lá fui. Quando cheguei ao destino (um palácio onde poderiam viver, na boa, mais umas sete famílias), fui surpreendido com aquilo que ainda hoje considero o mais espectacular lanche que jamais vi na minha vida: ele era sumos, leite, chá, croissants, queijos de todas as formas e feitios, pastelaria de silva vária em diferentes tamanhos, margarinas, compotas e geleias de frutos que possuíam nomes impronunciáveis - enfim, juro-vos que comi lá pela primeira vez coisas que nunca mais voltei a provar (lembro-me em particular de uma manteiga de amendoim que tinha a virtude de me provocar espirros de satisfação). Como podem calcular, fiquei um pouco intimidado, mas os pais do Filipe eram dois trintões muito simpáticos e jamais me esquecerei dos gestos

João Pedro da Costa

intencionais do pai que, para me pôr à vontade, provava de tudo o que estava na mesa para depois me dizer «Mmh, isto não está mau, ora prova lá a ver se concordas comigo», estendendo-me uma nata ou copo de sumo de maracujá. Miam.

Foi um lanche agradável e houve momentos em que desejei (a gula é a mãe de todos os defeitos) ser adoptado pelos pais do Filipe e ser irmão do Filipe, que não parava de me dizer, apesar das quantidades industriais de comida que ia ingerindo, que ainda não tinha comido nada. Como é óbvio, as misturas de sumo com leite e de marmelada com fiambre de peru não demoraram muito tempo a ter consequências nefastas no meu (na altura já) frágil aparelho digestivo. Tudo começou com uma risível e domável pontada no baixo ventre que em poucos minutos se transformou numa demonstração empírica das leis de Pascal sobre a pressão aplicadas ao intestino grosso. Tentei resistir. A sério que tentei. Cerrei os dentes e transpirei durante uns cinco minutos, pois não me parecia que conspurcar a casa de banho dos meus anfitriões fosse lá a melhor forma de lhes agradecer o lanche divinal que tinham acabado de me oferecer. Porém, a emenda (ou ementa?) começou a afigurar-se pior que o soneto quando as minhas entranhas começaram a fazer ruídos impossíveis de disfarçar.

Envelheci uns bons dois anos quando perguntei, a voz trémula e os olhos cabisbaixos, se podia usar a casa de banho. Os pais do Filipe «claro que sim» e o Filipe «podes usar a minha» (a mansão tinha mais do que uma casa de banho, o que constituía para mim uma absoluta novidade). Lá me fechei no templo, tentando ignorar apetrechos vários cuja existência não fazia sequer parte do meu horizonte de expectativas, caso de uma escova de dentes eléctrica ou de um sabonete com a forma do primo Gastão. Assumi a posição (anglicanismo, eu sei) e o céu abriu-se para que centenas de valquírias cantassem em uníssono hosanas às virtudes do alívio corporal em momentos de aperto. Confesso epifanias e júbilos desmesurados quando ouvi os cânticos que pareciam dizer que não havia nada de mais natural do que usar a casa de banho dos outros se o momento fosse propício para tal. Levantei-me, apertei as calças e, quando puxei o autoclismo, (parafraseio aqui Borges) o universo físico parou.

Não havia água no autoclismo. Depois daquele dia, devo ter sonhado uma boa centena de vezes com aquele episódio e em todos esses sonhos encontrava uma solução verosímil para a resolução daquele problema como, por exemplo, encher o autoclismo da água com a ajuda do copo de lavar os dentes. Contudo, naquele momento, falhou-me a serenidade e a presença de espírito e não nego que talvez fosse o pânico ou a súbita vontade de chorar o que me levou a sair da casa de banho a correr e, sob o pretexto de uma qualquer desculpa esfarrapada, sair da casa do Filipe deixando atrás de mim, à vista de toda a gente, os despojos daquele pesaroso dia.

Eu gostava muito do Filipe. Mas nunca mais voltei à casa dele.

|Publicado em 10 de Setembro de 2004|

His name is Becho, José Becho

Chegou o momento de partilhar convosco o segredo mais bem guardado da imprensa portuguesa. Não conheço José Becho, nem dele possuo quaisquer dados biográficos, a não ser o facto de saber que ele é «formador» (evito aqui qualquer comentário sarcástico, seguro que este meu esforço de contenção não passará despercebido) e, sobretudo, o de ser o autor de umas prosas deliciosas intituladas «Formação» no *Bytes*, suplemento de informática do JN e do DN.

Todas as semanas, o José Becho tem um problema bicudo para resolver: preencher (palavra fundamental, como veremos de seguida, na poética subjacente aos seus escritos) uma página inteira do dito suplemento com um texto de 1500 palavras. Nesse texto, há sempre uma espécie de lição de moral sobre um determinado assunto informático que, na verdade, poderia ser enunciado numa ou duas frases. Que fazer, portanto? O José Becho não está com meias medidas e resolve narrar. Sim, narrar. Criar um mundo imaginário, com diálogos e tudo, onde interagem umas personagens-tipo do género «sobrinho-curioso-cheio-de-dúvidas», os «amigos-que-não-percebem-patavina-de-informática-e-que-só-fazem-merda» e, claro, o próprio «José-Becho-formador-malta-jovem-super-cool-que-sabe-tudo». Numa palavra: palha. Palhinha da grossa e da seca, daquela que pica e não nos deixa dormir. Paradoxalmente, é nessa «palhinha» que nasce o meu verdadeiro interesse (quase fascínio) pelos textos de José Becho: o senhor é o mais profissional enchedor-de-chouriças existente em Portugal, capaz mesmo de rivalizar com esta figura mítica e arquétipa que foi Alexandre Dumas.

Exemplifiquemos. Na crónica (crónica?) de ontem, José Becho resolveu dizer-nos esta coisa que jamais nos passou pela cabeça que é o facto dos toners das impressoras serem «altamente tóxicos e perigosos se forem inalados». Como vêem, são sempre informações úteis e que, pessoalmente, já me convenceram a desistir da ideia de mamar ao lanche uma sandes de paio com dois toners HP (um 15/845c preto e um 17/845c a cores). O José Becho salva vidas e bastaria isso para ser merecedor da minha (nossa?) consideração.

Mas o melhor vem a seguir. Faltam, na boa, mais 1480 palavras para o texto estar completo e aqui é que a escrita de José Becho se torna seráfica. Temos pérolas do género:

Quando chegámos, o funcionário que nos atendeu, o senhor [este "senhor" é semiotiquíssimo e refere a ausência de formação académica da personagem] Paulo Renato, olhou fixamente para o Saraiva e disse-lhe: «Eu acho que o conheço de qualquer lado...», e o Saraiva: «É natural, venho muitas vezes a casa do meu amigo Bernardo e também morei aqui até aos dez anos», de repente o senhor Paulo lembrou-se: «GILDINHO!!! Tu és o Gildinho, não és?», e antes do Saraiva poder sequer responder, deu-lhe um abraço e umas palmadas tão fortes nas costas, que até deixaram o Saraiva um bocado azul.

João Pedro da Costa

Como podem ler, isto é puro teatro grego. Confrontação, reconhecimento e catarse. E penso que não vos terá escapado a insinuação por parte do narrador de uma pulsão homossexual mal reprimida por parte da personagem que se dá pelo nome de "Saraiva". E, sobretudo, e isto é que é fundamental, nada do que se narra aqui é relevante e serve apenas para atingir o objectivo das 1500 palavras.

No texto em causa, nota-se que José Becho despachou o que queria dizer (não se deve comer toners) muito cedo e que ainda lhe faltam cerca de 400 palavras para receber o cheque pelo correio. Eu imagino-o em casa, em cuecas, a suar e de cigarro na boca, a accionar o contador de palavras do processador de texto e acrescentar um adjectivo aqui, um advérbio ali, ou uma frase catita acolá. Mas 400 palavras é muita coisa e aí, o nosso formador tem uma ideia genial que vem muito ao caso num texto que trata da problemática da toxicidade dos toners das impressoras, a Moldávia:

Deixamos então a impressora para reparação e a caminho de casa, o tio Alberto convidou-me para ir passar umas semanas de férias à Moldávia, a terra da tia Vika [genial]. Eu disse logo que sim [bruxo], e o tio Bernardo atirou à sua maneira: "Então os moldavos vêm para cá e tu vais para a Moldávia?" [apontamento fascista: todos os formadores são fachos], o tio Alberto saiu em minha defesa e disse-lhe: aquilo é um país espectacular, Bernardo. É pena que a economia esteja de rastos e origine tanta corrupção. De resto, é um país lindo: uma imensa planície com campos de trigo e girassol [ah, Cesário!]. Pinhais. Um jardim! E as pessoas? As pessoas são afáveis e generosas, são solidárias e convivem imenso. Quando lá chegas pela primeira vez, estranhas - os restos do passado recente estão bem presentes [eu não disse que ele era facho?] - mas depois de conviveres com aquele povo [e pimba], não queres sair de lá....

Palavras para quê? É um artista português.

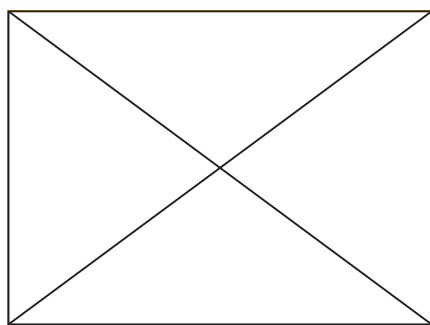
[Coincidência das coincidências (e não estou a ser irónico), José Becho não voltaria a escrever para o suplemento Bytes após a publicação deste post. Como é óbvio, continuo inconsolável.]

Publicado n' As Ruínas Circulares | 18 de Setembro de 2004

The Book of Bunny Suicides

É o que dá andar sempre a bisbilhotar a secção de importações de BD das lojas FNAC: de vez em quando, é impossível sairmos de lá sem gastar dinheiro.

O livro de Andy Riley, publicado pela Mad About Books, é uma espécie de manual de instruções para coelhos que estão fartos da sua existência, oferecendo um leque de 70 soluções para a resolução do problema. A obra é de uma originalidade e de uma imaginação surpreendentes e consegue levar a bom porto a sua premissa imbatível



(coelhinhos com desejos suicidas). Por vezes, os gags consistem numa só imagem contendo o resultado final do suicídio ou o instante que lhe é imediatamente anterior; outras vezes, temos pequenas narrativas em que vem ao de cima a ferocidade do desejo suicida e a tenacidade dos coelhos na sua concretização. A sobriedade e a crueza dos desenhos a preto e branco são extremamente eficazes na forma como ilustram a alucinação perversa de cada plano suicida e, pessoalmente, o que mais

me surpreende são mesmo os coelhos: jamais esses bichos foram desenhados com uma tão absoluta (e propositada) inexpressividade. Genial.

[Posteriormente, as Publicações Europa-América viriam a publicar o primeiro volume de *The Bunny Suicides* de Andy Riley sob o título *Coelhinhos Suicidas* e a Mad About Books o II volume, que continua inédito em Portugal.]

[Publicado em 21 de Setembro de 2004]

O relógio biológico dos blogues

Não sei se já repararam, mas todos os blogues tem um relógio biológico. É claro que quando os blogues são unipessoais e os posts são publicados com uma certa regularidade, a detecção do mesmo torna-se mais fácil, na medida em que apenas há uma forma de estudarmos o relógio biológico de um determinado blog: a hora em que são publicados os posts. É óbvio que há aqui uma margem de erro a considerar, recentemente exponencializada com a nova possibilidade fornecida pelo Movable Type de publicar posts numa hora posterior àquela em que os mesmos foram redigidos. De qualquer forma, o método é relativamente fiável e, na maioria dos casos, encontra-se um padrão.

A primeira grande distinção a fazer é entre os blogues nocturnos e diurnos. Os primeiros concentram num espaço de tempo reduzido (entre uma e três horas) uma série de posts em catadupa: há neles um grande desejo de débito, diria quase um sentimento de culpa por, durante o dia, não terem despejado nada para o seu blog. Os diurnos são, por regra, mais regulares e a sua amplitude de publicação varia entre as 5 e as 10 horas. São sem dúvida pessoas que, por um lado, tem a oportunidade de produzir e enviar conteúdos a partir do seu local de trabalho e que, por outro, quando

João Pedro da Costa

chegam a casa esquecem o blog - muito raramente publicam coisas depois das 22h.

Há depois casos fascinantes (não vou citar exemplos, pois a blogosfera está cheia de gente susceptível). Conheço dois blogues unipessoais e relativamente conhecidos (regularmente presentes nos 50 mais visitados do weblog.com.pt) que publicam os seus posts com uma amplitude de 20 horas (entre as 10h e as 6h). Outros (conheço três casos) que apenas estão activos entre a meia-noite e as 4 da manhã. Há um em particular (provavelmente há mais, mas é apenas esse que conheço) que é um autêntico relógio suíço: no espaço de duas semanas publicou sempre com uma amplitude de 1 hora (entre as 22 e as 23h). Não sei se repararam que no TOP 10 dos blogues mais populares da rede, não é frequente haver a publicação de um post depois das 22 horas e antes do meio-dia.

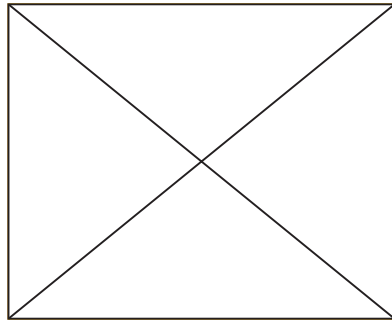
Tudo isto, poderão dizer, é um exercício fútil (e, mais grave ainda, inconsequente). Talvez. Mas, nos últimos dias, tenho vindo a construir na cabeça, e de uma forma quase involuntária, uma espécie de taxonomia dos blogues a partir do seu relógio biológico, e começo a chegar à conclusão que existe uma assinalável correspondência entre essa classificação e o conteúdo dos mesmos (isto é particularmente visível nos blogues conotados politicamente).

|Publicado em 21 de Setembro de 2004|

Tivoli Audio One

Não sou um audiófilo. Deus me livre. De resto, passei a minha adolescência a ouvir todos os grandes discos da década de 70 e 80 numa miserável aparelhagem (aparelhagem?) que, para além de acrescentar um zumbido insuportável a tudo o que lhe saísse das colunas, tinha o dom de destruir todas as cassetes que lá metia. Hoje em dia (pudera), já possuo uma Denon F88 que se tem aguentado à bronca com o uso intensivo que lhe dou e emana um som a-gra-da-bi-lí-ssi-mo, não obstante a necessidade que, por vezes, sinto de lhe domar os agudos (mas o problema deve ser meu).

Por isso confesso que, há dois anos, quando comprei um Tivoli Audio One, fi-lo porque achei o bicho lindo de morrer (é mesmo lindo, não é?). As mais-valias viriam depois. Para além do inacreditável bom gosto do design retro, o Tivoli Audio One tem duas características notáveis. Em primeiro lugar, possui um sistema pioneiro de captação de ondas que resulta de uma adaptação da tecnologia GaAs MES-FET usada nos telemóveis de 3.^a geração (não faço a mínima ideia do que estou práqui a falar, mas a verdade é que, no meu quarto, consigo captar mais de 20 estações de rádio na banda FM). Em segundo lugar, este bichinho tem um som mono tão cheio, límpido e aveludado que me faz questionar o porquê dessas novas aparelhagens feias e carotas com 10 colunas, quando uma pequena caixinha com apenas uma saída de som é capaz de pôr



qualquer mortal a levitar.

E depois, ter um Tivoli Audio One é como fazer parte de uma seita. Apesar de sermos extremamente sóbrios e low profile, a gente reconhece-se se nos cruzarmos na rua. Temos um código de conduta e um culto que, não o nego, poderá chocar as mentes mais sensíveis. Somos assim: orgulhosos, parvos e diferentes. Entre os nossos membros mais distintos, talvez deva destacar a personagem principal do último filme de Tim Burton, Big Fish, e uma morena giraça que dança num anúncio televisivo de um certo creme depilador (o dela é branco e, pasme-se, tem-no na casa de banho). E tudo isso por menos de 170,00 Euros. Dá para acreditar?

[Publicado em 21 de Setembro de 2004]

Mas o meu pai, afinal, não apareceu

Como não tenho telemóvel (eu seu, eu sei), de vez em quando lá tenho eu de entrar num café para fazer uma chamada. Ontem, entrei num na Rua Passos Manuel, em frente ao Coliseu do Porto, e foi-me apresentado um velho telefone de disco giratório. E eu fiquei estupefacto por várias razões. A primeira é que os poucos números que sei de cor (e incluo aqui o código do Multibanco) são por mim memorizados através do desenho geométrico que a sucessão dos números traça sobre o teclado, ou seja, não consegui fazer a chamada sem antes ter desenhado num papel, e perante o olhar incrédulo do empregado, a quadrícula com os 10 dígitos e o ziguezague do respectivo número (há gajos que são considerados mentecaptos por muito menos do que isto). A segunda é que já fazia anos, talvez dez ou mais, que não via um telefone daqueles, para mais preto, igualzinho ao que deslumbrou a minha infância (ao ouvir o ruído mecânico do disco, tive durante alguns segundos a certeza que o meu pai ia aparecer naquele café para me perguntar a quem é que eu estava a ligar). Por último, não deixei de sentir um certo alívio ao verificar que é tão fácil nos esquecermos do que é belo - haverá ainda por aí alguns à venda?

[Publicado em 22 de Setembro de 2004]

Aproximação à fenomenologia dos «projectos»

Nos últimos anos, tenho reparado que quase todos os meus amigos «estão com um projecto». Desde logo, convém reparar no verbo utilizado neste predicado: um projecto para ser, de facto, um projecto não é algo que se possa «ter», mas algo com que se «está». Como é óbvio, a diferença é enorme («the difference is huuuge», diria a Maria de Medeiros em *Pulp Fiction*). «Ter um projecto» é uma coisa insignificante e não impressiona o ouvinte: todos nós temos vários ao mesmo tempo e todos eles residem no limbo das possibilidades remotas que poderão um dia, talvez, se o tempo for favorável e a gente estiver praí virada, se concretizar. «Estar com um projecto» é totalmente diferente. Temos o «projecto» ao nosso lado, a caminhar connosco de mão dada, e a nossa inegável existência serve de atestado à existência concreta do projecto, isto é, o «projecto» existe comigo, ou seja, a existência dele é tão real como a minha, resumindo: o projecto, caramba, é uma evidência e não estou aqui a falar do campo das possibilidades remotas, percebeste?

«Estar com um projecto» é diferente de «Ter um projecto» também pelo facto da primeira formulação topicalizar ou isolar de certa forma o projecto do sujeito da enunciação. O projecto é mais importante quando alguém está com ele do que uma mera relação de posse. «Estar com um projecto» também induz o ouvinte a pensar que o «projecto» já não é um mero «projecto»: no fundo, o bicho já tem uma espessura assinalável, de certa forma o gajo já existe, está em andamento, e de um dia para o outro ele vai nos estoirar na cara. O projecto é uma fatalidade, ele está na iminência de acontecer.

Claro que tudo isso é retórica. Quando ouço uma pessoa dizer «Estou com um projecto», acredito menos na viabilidade do mesmo do que um que esteja na posse de outra. No fundo, quem diz esse tipo de frase também sabe que há uma probabilidade considerável do seu enunciado vir a bater de encontro ao cepticismo de quem o ouve. É exactamente por isso que disparam o verbo «estar», que é suposto nos confundir e nos levar a pensar que a fase do «Ter um projecto» evoluiu para um estado mais ontológico de «estar» com ele. Até porque «Estar com um projecto» é um «estado» permanente, poderia quase ser traduzido por «Estou agora e sempre com um projecto porque o gajo é tão plausível e importante que me é impossível existir sem estar com ele ao meu lado: estou com o projecto de manhã quando tomo o pequeno almoço, ao longo do dia quando estou a trabalhar, ao serão quando vejo o Telejornal e à noite quando vou prá cama: é impossível pensarem em mim sem pensar no projecto com que estou, porque, no fundo, eu e o projecto somos a mesma coisa, a única e mesma pessoa».

Antigamente, conseguia manter uma conversa com os meus amigos sem nunca passarmos pelo tópico dos «projectos». Mas a gente envelhece, os sonhos que tínhamos, afinal, não se concretizaram e todos nós acabamos por arranjar um trabalho que não corresponde às nossas expectativas. Ele é um músico que terminou a gerir um

restaurante; um poeta que vende seguros; um pintor que foi trabalhar para um talho no Reino Unido; uma ilustradora que está a tirar um curso de tai-chi. E porque em todos eles havia de facto algum talento, nenhum deles abandonou o sonho de lançar um disco, publicar um livro, montar uma exposição ou ilustrar todos os livros do mundo. Talvez seja por isso que, quando algum desses amigos (que amo profundamente) está com alguém como eu que foi testemunha do seu talento e da forma como a vida os afastou daquilo que realmente queriam ser ou fazer, todos eles transpõem o seu sonho para os famigerados «projectos», espécie de sombra que os acompanha durante o dia e mesmo à noite quando o Sol se põe.

Na melhor série televisiva de sempre, *The Office*, há uma cena do episódio 2 da 11ª série, em que a telefonista Dawn fala a David Brent, seu patrão, do seu sonho de ser ilustradora de livros para crianças. O texto é belíssimo e é, no fundo, uma pequena narrativa que ilustra na perfeição o que tenho estado aqui a dizer:

DAWN: I always wanted to be a children's illustrator and when people said «What do you do?», I would say «Well, I'm an illustrator, but I do some reception work for a little bit of extra cash». So, for years, I was an illustrator who did some reception work. Then Lee thought it would be a good idea for us both to get full-time jobs. Then you're knackered after work and it's hard to do illustrating. Now, when people ask me what I do, I say I'm a receptionist.

É claro que tudo isto é patético e que todos estes meus amigos, no fundo, sabem que eu sei que ambos sabemos que quanto mais se fala de um «projecto», menor é a possibilidade de ele acontecer realmente, pois o tempo passa, a vida apesar de ser às vezes porreira também sabe ser cruel, e um «projecto» não é uma coisa de que se fala, mas que se faz, a não ser que a gente comece a perceber que ele está cada vez mais longe de se concretizar e falar nele seja uma forma desesperada de «manter o sonho vivo», como depois diz cruelmente

DAVID BRENT: Pipe dreams are good... in a way.

DAWN: Well, I still hope it will happen...

DAVID BRENT: Keep the dream alive, because otherwise one day you'll go «Oh, could I have made it?». If you keep trying, at least, one day (when it doesn't happen) you'll be able to say «Well, at least I had it a go», you know?

Yeah, digo eu, *I surely do*.

[Publicado em 27 de Setembro de 2004]